



Atentados em imagens: entre a permanência e o valor na circulação¹ **Attacks on images: between permanence and value in circulation**

Aline Silva dos Santos²

Graziele Iaronka³

Ana Paula da Rosa⁴

Palavras-chave: mediatização; circulação; imagem; atentados terroristas.

O fenômeno da mediatização tem cada vez mais se configurado como um novo “modo de ser no mundo” (GOMES, 2017) que transforma nossas formas de ver e compreender o ambiente no qual estamos inseridos. O jornalismo, tão ligado à códigos e regras passa por um processo de adaptação, já que não mais detém o controle pleno da informação. Esta está disponível de diversos modos, diretamente ao ator social, superando o papel central que os meios detinham até os anos 90. Isto implica dizer que na sociedade em vias de mediatização, o jornalismo precisa adequar suas estratégias para continuar chancelando os assuntos relevantes e, logo, as imagens a serem vistas. É neste cenário de tensão e de infinitas disputas que o sentido começa a ganhar força. Tanto atores sociais como instituições midiáticas possuem condições de atribuir valor à

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Bolsista de Iniciação Científica pela Fapergs na Instituição Unisinos. Linha de pesquisa: Mediatização e Processos Sociais com foco na circulação de imagens. aline.s.santos82@gmail.com

³ Bolsista IC Pratic pela Instituição Unisinos, na linha de Pesquisa: Mediatização e Processos Sociais com foco na circulação de Imagens. graziele.iaronka@gmail.com

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação, Mestre em Comunicação e Linguagens. Docente e pesquisadora do PPG em Ciências da Comunicação na Unisinos. anaros@unisinos.br



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

determinadas imagens, no entanto, apenas algumas adquirem as condições de permanência e fixação no imaginário coletivo e social. Diante disso, este artigo visa discutir que imagens e sentidos circulam sobre os atentados terroristas no Brasil tomando como recorte três atentados: Charlie Hebdo (2015), Bataclan (2015) e Manchester (2017). Esta proposta é parte dos estudos iniciais, de coleta de dados empíricos realizadas no âmbito da Iniciação Científica, do projeto de Cooperação Brasil- Argentina, intitulado “Circulação das Imagens: permanências, esvaecimentos e novos modos de partilha do visível” contemplado no edital Universal 2016, sob a coordenação da prof. Dr. Ana Paula da Rosa.

O foco deste artigo, portanto, está em identificar como as coberturas jornalísticas dos atentados foram realizadas no Brasil, principalmente no que tange à oferta de imagens e seus modos de circulação. Como ponto de partida teórico, ressaltamos que o momento atual é bastante *sui generis*, uma vez que temos a convivalidade da imagem técnica e da imagem tradicional. Recorrendo a Flusser (2008)

A imagem tradicional é produzida por gesto que abstrai a profundidade da circunstância, isto é, por gesto que vai do concreto rumo ao abstrato. A tecnoimagem é produzida por gesto que reagrupa pontos para formarem superfícies, isto é por gesto que vai do abstrato rumo ao concreto. (FLUSSER, 2008, p. 19)

Isto implica dizer, que as imagens técnicas que adquirem mais espaço, principalmente na Internet, são também as imagens que deslocam a referência, que se voltam para autonomizações e abstrações, como temos visto na cedência do lugar do testemunhal e do registro jornalístico, para as imagens fora de foco, flagrantes de atores sociais ou mesmo metáforas visuais. Assim, nos propomos a identificar que imagens são estas que circulam sobre os atentados? São imagens produzidas por atores ou por agências de notícia? Há alguma padronização entre as publicações? E de que modo os sites de redes sociais afetam o próprio fazer jornalístico? Tais questões ainda são



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

bastante preliminares, mas já dão conta de uma riqueza interpretativa em jogo sobre o fenômeno que se observa.

Quanto à mediação, este trabalho adota como perspectiva visões concorrentes e complementares. De Ferreira (2009), entendendo-a como autonomia, unificação e diferenciação dos mercados discursivos a partir de três dimensões que se afetam mutuamente: processos comunicacionais, contextos sociais e dispositivos. Estas dimensões são fundamentais para entender a comunicação realizada na contemporaneidade, que implica na constituição de uma ambiência (GOMES, 2013) onde consumidores e produtores se revezam na produção de materiais significantes, isto é, rompe-se com as noções clássicas de gramáticas de produção e de reconhecimento, sem que elas desapareçam, para atribuir força ao processo circulatório, que quanto mais assume sua complexidade, mais revela a própria mediação social (FAUSTO NETO, 2010) e constitui-se em fluxos sempre adiante (BRAGA, 2012).

E é exatamente investigar como a imagem é inscrita nestes fluxos que este artigo, dentro da proposta do projeto de pesquisa em cooperação com a Argentina, se propõe, uma vez que parte-se da hipótese de que a circulação constitui-se como uma relação de valor (ROSA, 2016), portanto poder simbólico, onde o visível é construído com base na partilha de produções em dispositivos. Dito de outra forma, entendemos que a figura do receptor cede espaço para os atores sociais mediados que, cada vez mais, se colocam na postura de produtores, também participando da construção do sentido social ou como afirma Carlón (2012) como enunciadores mediáticos. No entanto, interessa descobrir que imagens ganham sobrevivência nos memes, vídeos, postagens sobre os atentados? Que imagens são chanceladas para permanecer na circulação e, portanto, serem visíveis tanto aqui no Brasil como no país vizinho? Calvino (1998) alertava para as imagens que se dissolvem imediatamente, a proposição, aqui, é inversa, quais são as imagens que permanecem ofuscando nossos olhos mesmo perante ofertas múltiplas?



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Este artigo, portanto, está centrado no aspecto mais exploratório do empírico que está sendo configurado, metodologicamente, como estudo de caso. É preciso levar em conta as especificidades de cada atentado para depois inferir sobre suas semelhanças e analogias. O atentado ao jornal Charlie Hebdo (2015) resultou em 12 mortos e 11 feridos, sendo três imagens bastante emblemáticas: 1) um vídeo que mostra os atiradores executando um policial e fugindo, em seguida, provavelmente feito por alguém que passava pelo local; 2) a foto da redação do jornal logo após a retirada dos corpos (figura 01) e 3) as imagens de manifestações, vigílias em diversos países e charges com a frase “Je Sui Charlie” amplamente veiculadas nas redes sociais.



Figura 1: Divulgação da cena do crime. Fonte: Print.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Já o atentado à casa de eventos Bataclan, ocorreu 10 meses após a ação no jornal francês e resultou em 89 mortos. A boate, que recebe em boa parte o público LGBT, foi cenário de um tiroteio durante o show da banda de rock Eagles of Death Metal. Deste acontecimento também três imagens se destacam: 1) um registro amador em vídeo dos tiroteios e do desespero no interior da boate; 2) uma jovem grávida dependurada na janela do estabelecimento e 3) as ações de retirada dos feridos (figura 2).



Figura 2: Jornais montam galerias com as imagens da retirada dos feridos. Fonte: Print.

Por fim, o atentado de Manchester, ocorrido em 2017, durante um show da cantora americana Ariana Grande, contabilizou deixou 22 mortos e mais 50 pessoas feridas. Quanto às imagens, o atentado foi marcado por: 1) registros amadores do local do show, principalmente, com crianças feridas; 2) fotografias dos primeiros atendimentos às vítimas e 3) manifestações via twitter (figura 03) de artistas do mundo todo que desencadearam um show posterior da mesma artista em homenagem às vítimas.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais



Figura 3: Artista se manifesta nas redes e comove Inglaterra.

Deste conjunto observa-se que nos três atentados temos: a) a atuação de atores sociais na produção do acontecimento e de suas imagens; b) uma unificação das imagens jornalísticas a partir de agências de notícias internacionais como Reuters e Associated France Press e c) uma intensa circulação que perambula entre os veículos jornalísticos tradicionais e os sites de redes sociais, em especial o Twitter e o Facebook. Infere-se inicialmente que há uma negociação entre atores e instituições midiáticas para definir a imagem-síntese do atentado, tendo em vista que a imediaticidade do registro coube, nos três casos a atores sociais. No entanto, é no tratamento jornalístico que tais imagens ganham circularidade e valor, acionando movimentos de fagia social e midiática (ROSA, 2015). No entanto, o fluxo adiante é constituído pelas repercussões seja no espaço dos comentários dos jornais ou nas apropriações realizadas no âmbito das redes como o surgimento de hastags, movimentos sociais e vigílias, além da mobilização para uma unificação dos acontecimentos em torno do terrorismo e da islamofobia. Isto implica dizer, que mesmo perante ofertas múltiplas há uma tentativa de chancela do visível que se dá, a priori, nas relações de valor que acabam por excluir outras imagens do circuito.

Por se tratar de um trabalho em fase inicial, este precisa avançar em termos teóricos e metodológicos, mas já aponta indícios importantes para a compreensão não só das imagens em circulação, mas do próprio jornalismo em tensão. Um exemplo disso são as coberturas de grandes veículos como G1, Folha de São Paulo que seguem lógicas



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

de veículos internacionais que se baseiam não mais na entrevista, no contato com a fonte, mas na curadoria de conteúdo das próprias redes, inclusive utilizando colagens de postagens como depoimentos. O que tais indícios nos permitem refletir sobre a informação em jogo?

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 15ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**. Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BRAGA, José Luiz. *Circuitos versus campus*. IN: JANOTTI JUNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Angela; JACKS, Nilda (orgs) **Mediação & mediatização**. Salvador: EDUFBA: Brasília, Compós, 2012.

BRAGA, J; FERREIRA, J; FAUSTO NETO, A.; GOMES, PG. (orgs). **Dez Perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.
CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Cia das letras, 1990.

CARLON, Mário.; FAUSTO NETO, Antonio. **Las políticas de los internautas**: nuevas formas de participación. Buenos Aires: La Crujía, 2012.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. IN: **Mediatización, Sociedad e Sentido** (2010). Disponível em
<http://www.cim.unr.edu.ar/archivos/cuaderno_del_coloquio_final_2.pdf#page=3>
Acesso em 15/10/2013

FERREIRA, Jairo. **Um caso sobre a mediatização**: caminhos, contágios e armações da notícia. In: **Mediatização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.

FERREIRA, Jairo. As instituições no ambiente das mediações líquidas: entre dispositivos e circulação emergentes. IN: MARCHIORI, Marlene. **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. Editora Difusão, 2012.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. Organizado por Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naify, 2007.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

ROSA, Ana Paula da. **Imagens- Totens**: a fixação de símbolos nos processos de mediatização. São Leopoldo: Unisinos, 2012 (Tese de doutorado) disponível em <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000003/0000033A.pdf>

ROSA, Ana Paula da. “Imagens-totens em circulação: a chancela jornalística no caso Michael Jackson”. In: **Revista E-Compos**. Vol 17, nº 2. Disponível em <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewArticle/1052>

ROSA, Ana Paula da. De reflexos a fagias: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens. In: **Nuevas mediatizaciones, nuevos públicos**: cambios en las prácticas sociales a partir de las transformaciones del arte y de los medios en red. Argentina: Universidad Nacional de Rosario, 2016.

_____. **O êxito da gula**: a indestrutibilidade da imagem totem no caso Aylan Kurdi. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura do XXV Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2016. Disponível em http://www.compos.org.br/biblioteca/exitodagula-comautoria_3288.pdf . Acesso em: 11 abr. 2017.